

BRINCANDO NA EMEI JAGUARÉ

Professora Alessandra Müller
Professor Arthur Müller
EMEI Jaguaré

A EMEI Jaguaré se localiza no bairro de mesmo nome, na zona oeste da cidade de São Paulo. Atende crianças em idade entre os quatro e seis anos, divididos em infantil I, com crianças entre 4 e 5 anos, infantil II, com crianças entre 5 e 6 anos. Na escola há dois turnos disponibilizados para a comunidade: das 7h00 às 13h00 e das 13h00 às 19h00 horas. A escola conta ainda com 30 professoras efetivas, sendo que 4 estão readaptadas. A participação da comunidade é considerada satisfatória. Em média, 60% dos pais comparecem aos eventos e reuniões patrocinados pela escola. A EMEI atende a comunidade localizada bem próxima.

O presente trabalho aconteceu com turmas do infantil

A ideia de trabalharmos com o currículo cultural de Educação Física dentro da EMEI surgiu a partir de suas frentes: 1) o interesse da professora em trazer essa prática pedagógica para dentro da escola; 2) o projeto pedagógico da escola preconizar o estudo e a vivência das diferentes brincadeiras. Esse trabalho se iniciou com a pretensão de inserir uma formação culturalmente orientada para a professora para que ela, a partir dos registros e das conversas com as crianças, elaborasse sua própria rota cultural.

Após estabelecermos as ações sobre o currículo, elaboramos uma conversa para os pais, a fim de apresentar o projeto e para que o mesmo passasse pela aprovação do Conselho de Escola. Durante a reunião, a professora apresentou o projeto e possibilitou uma roda de conversa com os pais presentes para que as dúvidas fossem sanadas. Em seguida, abriu-se para votação e o projeto foi aprovado.

Vale ressaltar que o currículo culturalmente orientado de Educação Física concebe a educação infantil a partir do viés da sociologia e não da psicologia. Por essa razão, as pretensões pautadas em expectativas de aprendizagem de acordo com a maturação e a faixa etária saem de cena para dar lugar a constituição da cultura construída pelas crianças a partir de suas próprias representações, principalmente aquelas que carregam de forma da dentro da escola.

A primeira ação foi a uma nova leitura do projeto pedagógico da escola para que as pretensões pedagógicas ficassem alinhadas aos anseios da escola. De largada, estruturamos o trabalho da seguinte forma:

- O trabalho seria desenvolvido nos dois turnos que a professora dava aula: manhã e tarde.
- Os horários e o dia da semana seriam decididos pela docente a fim de não comprometer a rotina pedagógica com suas turmas¹.
- Caberia a professora cancelar os encontros de acordo com as demandas da escola e das crianças.
- As ações didáticas seriam conduzidas pela professora. A mim, caberia o registro e as formações.
- Combinamos, também, encontros semanais para tratarmos das ações vindouras a partir dos registros realizados – o que, no currículo cultural de Educação Física, atribuímos como uma prática avaliativa.

Durante a realização dos trabalhos, utilizávamos o tempo de estudo da professora para conversarmos sobre os acontecimentos do encontro. Toda semana saíamos com as decisões sobre o que faríamos na sequência do trabalho.

No primeiro encontro, após a professora me apresentar para a sala e explicar a proposta do trabalho, realizamos um mapeamento sobre os saberes discentes a respeito das brincadeiras.

Mapear quer dizer identificar quais as manifestações corporais estão disponíveis aos alunos, bem como aquelas que, mesmo não compondo suas vivências, encontram-se no entorno da escola ou no universo cultural mais amplo. Mapear também significa levantar os conhecimentos que os alunos possuem sobre uma determinada prática corporal. (NEIRA, 2011, p. 107).

Neste sentido, é fundamental sabermos quais são as representações que as crianças carregam sobre o tema que será estudado. A professora, então, fez uma roda e listou as brincadeiras que eles/elas conheciam.

¹ O GPEF se posiciona contrário a presença de um professor “especialista” de Educação Física dentro das instituições de educação infantil públicas porque entendemos que isso vai de encontro às pretensões da educação infantil, principalmente no que se refere à não escolarização das crianças nessa faixa etária, sem contar, também, que muitos professores/as defendem currículos pautados na melhoria do desenvolvimento corporal, favorecendo subsídios para um melhor processo de letramento.

mapemaneto, encaminhamos para os pais um questionário a fim de buscarmos mais informações sobre as representações e vivências que tiveram com as brincadeiras.

Projeto “Brincadeira na EMEI Jaguaré”

Durante o segundo semestre de 2017, estamos realizando o projeto “Brincadeira na EMEI Jaguaré”. Além das crianças se divertirem com as brincadeiras, proporcionamos uma reflexão cultural sobre como elas são vistas e realizadas nos diferentes espaços.

Agora, chegou a sua vez de participar do projeto. Essa participação acontecerá em de duas formas. Primeiro, responda às questões abaixo e retorne o questionário até 4ª feira, dia 31/10.

- 1) Como eram as brincadeiras no seu tempo de criança?
- 2) Onde as crianças brincavam?
- 3) Existiam espaços propícios para que as crianças brincassem, como a rua ou o prédio?
- 4) Quais eram as brincadeiras que você costumava fazer quando pequeno? E com quem você brincava?
- 5) Era possível brincar na escola? Em que momento?

A segunda forma de participar de nosso projeto é dizendo se você tem disponibilidade de vir uma quarta-feira (a combinar) aqui na EMEI Jaguaré, conversar sobre as brincadeiras de seu tempo e brincar com as crianças (da sala de seu/sua filho/filha). A ideia é que além de conversar com as crianças, você também explique uma brincadeira que costumava fazer para, em seguida, brincarmos todos juntos. E aí? O que me diz? Você pode/consegue vir uma quarta feira aqui?

- () SIM
() NÃO

Obrigado pela ajuda e pela atenção!

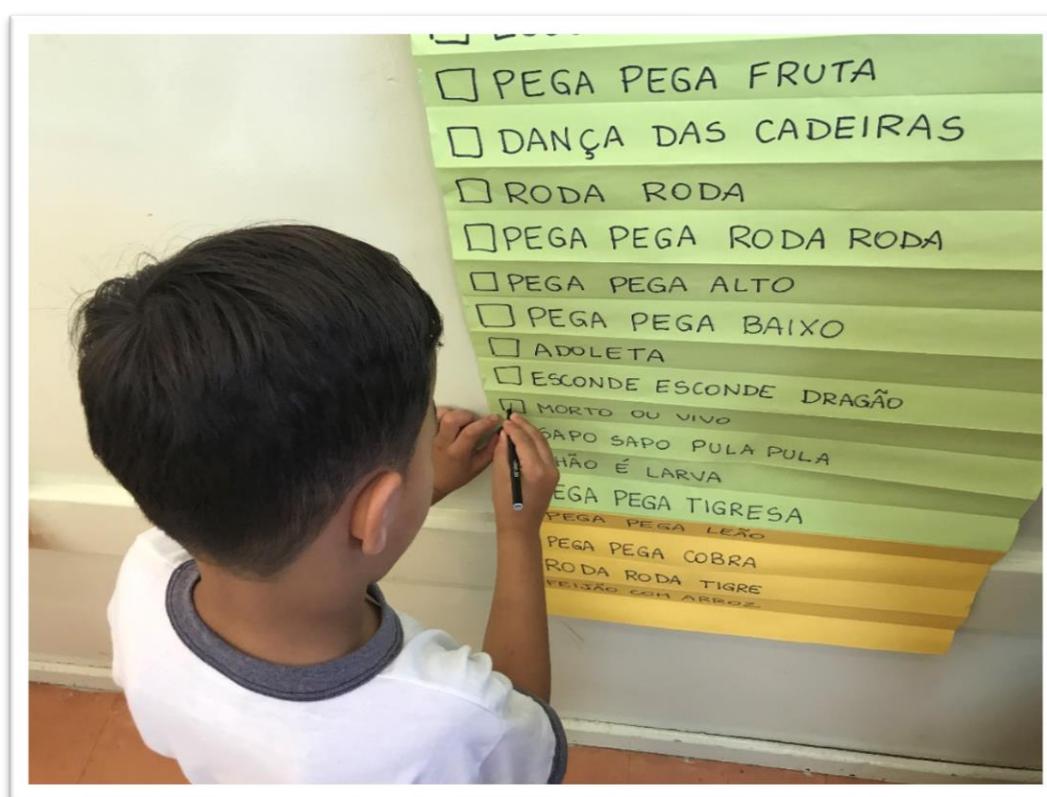
Profa. Alessandra e Prof. Arthur.

Em seguida, passamos para a vivência prática das brincadeiras.

A primeira ação prática que a professora realizou com as crianças foi a vivência das brincadeiras que estavam na lista elaborada.



Cada vez que uma – ou mais – brincadeira era realizada, uma criança era convidada pela professora a anotar no quadro.



Nenhuma brincadeira foi desconsiderada. Todas foram incluídas na lista. Quando nos deparávamos em alguma brincadeira que ninguém conhecia, a criança que havia dado a ideia, era convidada a explicar, como foi no caso da “brincadeira do Carimbó”.

Giulia: Então, a brincadeira do Carimbó é assim, você dá um papel para todo mundo e tem que contar para ver. O Carimbó não pode ter papel. Pode ser lápis, canetinha, tinta. Se o Carimbó riscar o seu papel com a caneta preta, você tem que procurar todas as tintas de novo e colocar no seu papel. Tem que ter todas as cores. Ou pelo menos bastante.

Nas demais brincadeiras, quando todos/as conheciam, a professora convidada quem quisesse, para explicar. Houve dias que a própria professora explicou alguma brincadeira.

Interessante notar que essa brincadeira é conhecida com outro nome e a professora disse isso para as crianças. Em diferentes espaços, as práticas podem assumir outras roupagens, de acordo com as características do local em que ela está acontecendo.

Como aprofundamento, a professora sugeriu dois desenhos para que as crianças pudessem ver alguns personagens em situações de brincadeiras, como elas estavam realizando dentro da escola. A intenção era que as crianças vissem as mesmas brincadeiras em outros contextos, diferentes àqueles que estavam comumente acostumadas. Nesse entendimento, as crianças assistiram um desenho da turma de Monica e um desenho da turma da pesada.

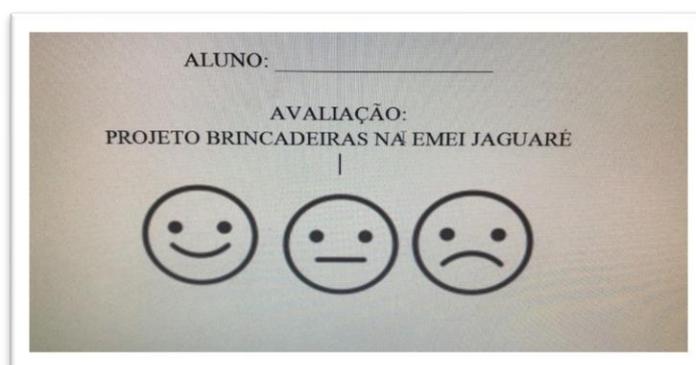


Após os desenhos, como forma de ampliar os conhecimento das crianças acerca do tema estudado, a professora realizou uma roda de conversa com as crianças, a fim de saber se eles/elas conseguiam perceber que os personagens dos desenhos também estavam brincando. Algumas crianças responderam que sim. Como forma de registro produzido pelas crianças, a professora solicitou um desenho sobre algo que eles/elas tivessem visto que remetesse às práticas das brincadeiras realizadas na escola.



Figura 1 - A turma da Monica brincou de carrinho

Para finalizar o trabalho, a professora entregou para as crianças uma tira de papel para que cada um pintasse a carinha que representasse como eles/elas avaliavam o trabalho realizado.



Considerações Finais

Essa foi uma primeira aproximação do currículo culturalmente orientado de educação física e a educação infantil – no que se refere a essa escola – proporcionando a docente titular o comando das ações didáticas, sem que houvesse um professor/a “especialista” influenciando na rotina da escola e das crianças. A todo momento, as ações foram pautadas nas respostas que as crianças traziam sobre as brincadeiras, respeitando principalmente as características do espaço e da escola, bem como de seus atores. Por essa razão, os encontros com as crianças e a vivência prática das brincadeiras tiveram durações variadas e caminharam de acordo com o momento; ora se estenderam mais, ora menos, mas sempre que decidiu pela continuidade ou não foi a professora. Os esforços deste trabalho recaíram na tentativa de formar a professora no currículo cultural de educação física para que ela, nos momentos e forma mais adequadas, pudesse realizar as intervenções necessárias de acordo com as características de cada turma. Por essa razão, que destacamos no início do texto que o trabalho corria em duas direções; formar a professora no currículo em questão e desenvolver um estudo/prática das brincadeiras durante as aulas na EMEI.

Em um primeiro momento, a participação e o entusiasmo das crianças nos indicam que o projeto teve uma repercussão positiva. Os pais, em momentos de reuniões, também citaram o trabalho feito e como seus filhos estavam envolvidos nas atividades, porém, uma coisa que nos frustrou foi a ausência dos pais para as vivências durante as aulas. Entregamos um questionário no início do ano, perguntando, entre outras coisas, as disponibilidades para que viessem um dia na EMEI brincar com seus filhos. Apesar de alguns apontarem disponibilidade, não conseguimos reunir os pais com as crianças. Isso é um ponto que deve ser revisto nos próximos trabalhos.

A aceitação e receptividade do projeto pelas crianças, corpo escolar e comunidade nos motivou a dar continuidade em outras tematizações nos anos seguintes.

Referencias bibliográficas

NEIRA, M. G. **Educação Física**. A reflexão e a prática no ensino. São Paulo: Blucher, 2011.